

Os sete Domingos de São José

No passado dia 4 de Fevereiro começou a série dos «sete Domingos de São José», com vista à preparação da festa do Santo Patriarca, em 19 de Março. Disponibilizam-se alguns textos para ajudar a conhecer melhor «José, o silencioso».

13/02/2007

A festa de S. José expande-se, sobretudo, a partir do século XV, principalmente graças a Santa Teresa

d'Ávila. O Papa Gregório XV inscreveu-a no calendário de toda a Igreja em 1621. A partir de 1962, S. José é nomeado na Oração Eucarística I (designada cânone romano).

Um antigo costume da Igreja encoraja os fiéis a acudir ao pai adotivo de Jesus, de forma mais assídua ao longo dos sete Domingos que precedem a sua festa, com vista a considerar aspetos, muitas vezes menos conhecidos, daquele que é *Padroeiro da Igreja Universal* (1870) ou, também, *Padroeiro dos trabalhadores* (1889).

Bento XVI: Deixemo-nos “contaminar” pelo silêncio de São José (domingo, 18 de dezembro de 2005)

«O silêncio de São José não manifesta um “vazio interior”, mas, pelo contrário, a plenitude da fé que traz no coração e que guia cada um dos

seus pensamentos e cada uma das suas ações», declarou Bento XVI.

«Deixemo-nos “contaminar” pelo silêncio de São José; temos muita necessidade dele, num mundo muitas vezes demasiado ruidoso, que não favorece o recolhimento e a escuta da voz de Deus». O Papa propôs aos fiéis que estabelecessem uma espécie de «diálogo espiritual com São José, para que ele nos ajude a viver em plenitude este grande mistério da fé».

«Um silêncio, graças ao qual, José em uníssono com Maria, conserva a palavra de Deus, descoberta através das Sagradas Escrituras, confrontando-a continuamente com os acontecimentos da vida de Jesus; um silêncio tecido de oração constante, de oração de louvor ao Senhor, de adoração da Sua santa vontade e de abandono sem reservas à Sua providência».

«Não é exagerado pensar que foi do seu “pai” José que Jesus aprendeu, no plano humano, esta robusta interioridade, premissa da justiça autêntica, a “justiça superior” que um dia ensinará aos seus discípulos», precisou o Papa.

João Paulo II: Introdução à exortação apostólica «*Redemptoris Custos*»

«No centenário da publicação da encíclica *Quamquam pluries* do Papa Leão XIII e na linha da veneração multissecular de São José, desejo propor à vossa meditação, queridos irmãos e irmãs, algumas reflexões sobre aquele a quem Deus “confia a guarda dos seus tesouros mais preciosos”. É com alegria que cumpro este dever pastoral para que aumente em todos a devoção para com o Padroeiro da Igreja Universal e o amor pelo Redentor que ele serviu de forma exemplar.

Assim, não só todo o povo cristão recorrerá com mais fervor a São José e invocará com confiança a sua intercessão, como também terá sempre sob os seus olhos a sua maneira humilde e inteligente de servir e de “participar” na economia da salvação.

Penso que uma reflexão renovada sobre a participação do Esposo de Maria no mistério divino permitirá à Igreja, em marcha para o futuro com toda a humanidade, encontrar continuamente a sua identidade no quadro do desígnio redentor, *que tem o seu fundamento no mistério da Incarnação.*

José de Nazaré “participou”, precisamente neste mistério mais do que qualquer outra pessoa, para além de Maria, a Mãe do Verbo Incarnado. Ele participou com Ela, metido na realidade do próprio acontecimento salvífico e foi o

depositário do mesmo amor, pelo poder do qual o Pai eterno “nos predestinou para sermos Seus filhos adotivos por meio de Jesus Cristo” (Ep 1, 5)».

São Josemaria: Na oficina de José

Sem qualquer dúvida, José, graças a um trabalho bem acabado, tirava muitas pessoas de apuros. O seu trabalho profissional orientado para o serviço e para tornar agradável a vida das outras famílias da aldeia que acompanhava de um sorriso, de uma palavra amável, de um comentário feito de passagem, mas que devolve a fé e a alegria àqueles que estão quase a perdê-las.

Às vezes, quando se tratava de pessoas mais pobres que ele, José fazia o trabalho cobrando algo de pouco valor, que pudesse deixar nos outros a satisfação de pensar que tinham pago. José devia pedir, normalmente, o que fosse razoável,

nem mais nem menos; devia saber exigir o que, em justiça, lhe era devido, porque a fidelidade a Deus não supõe renunciar a direitos que na realidade são deveres: São José tinha que exigir o que era justo, porque era com o fruto desse trabalho que sustentava a família que Deus lhe tinha confiado. (*Cristo que passa*, n. 51-52)

Bibliografia:

- Exortação Apostólica «Redemptoris Custos», João Paulo II

pdf | Documento gerado automaticamente a partir de <https://dev.opusdei.org/pt-pt/article/os-sete-domingos-de-sao-jose/> (22/08/2025)